
José Augusto Seabra
Maria Aliete Galhoz

O texto-base de *Mensagem*

Mensagem –obra com que se inicia esta edição crítica antológica de Fernando Pessoa na colecção Arquivos– oferece antes de mais a característica de ser o único livro de poemas em língua portuguesa publicado em vida pelo autor. Editado sob a chancela da Parceria António Maria Pereira, ele foi composto e impresso, pelos cuidados do poeta, nas oficinas da Editorial Império, em Lisboa, no mês de Outubro de 1934, como consta do colofão, tendo sido posto à venda «propositadamente, em 1 de Dezembro» (dia da Restauração da Independência), conforme o assinala o próprio autor, referindo também o facto de o livro ter sido premiado «em condições especiais» pelo Secretariado de Propaganda Nacional (Prémio Antero Quental, «categoria b», atribuído em 31 de Dezembro de 1934).¹

A versão impressa do livro, cujas provas finais o poeta pudera corrigir, não o satisfaz entretanto de todo em todo: conhece-se na verdade uma outra versão, posterior, que consta de um exemplar pessoal dessa 1ª edição, onde introduziu várias correcções manuscritas e inscreveu ainda, pelo próprio punho, as datas de um certo número de poemas. É essa versão que corresponde à última vontade expressa do autor que até nós chegou, tendo sido aquele exemplar conservado

¹ Cf. Nota manuscrita de 1935, publ. em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa, Ática, s.d., p. 433. Sobre as condições da atribuição deste prémio, cf. *Diário de Lisboa*, de 31/XII/1934, cit. por Jorge de Sena, *Páginas de Doutrina Estética XVII*, Lisboa, Inquérito, 1946, pp. 340-41; cf. também nota de José Blanco, in A. Casais Monteiro, *A Poesia de Fernando Pessoa*, 2ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 225-227.

pela irmã de Fernando Pessoa, D. Henriqueta Madalena Rosa Dias, a cuja gentileza devemos a sua consulta e a possibilidade da sua reprodução fotocopiada.

Foi a partir de tal fonte autógrafa que se elaborou a 2ª edição, após a morte do poeta (Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1941), segundo se refere aliás numa nota final.² Todas as demais edições subsequentes reproduzem, ou buscam reproduzir, o respectivo texto, de forma, mais ou menos rigorosa. A começar pela 3ª edição (Editorial Ática, Lisboa, 1945), que através da segunda remonta ainda a esse texto-base.³

Desde então, as edições da *Mensagem* dividem-se em dois grandes grupos: as que respeitam a lição da 2ª edição, conservando a ortografia latinizante originária, adoptada pelo poeta por razões de cratilismo emblemático como é o caso das da Editorial Ática até à 6ª edição, e as que optam por uma actualização ortográfica, a exemplo da mesma editora a partir da 7ª edição (Lisboa, 1959). Não havendo até agora uma edição crítica, é a edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa organizada e anotada por Maria Aliete Galhoz (Editora José Aguilar, depois Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 8 edições entre 1960 e 1981) a que mais indicações textuais fornece sobre a *Mensagem*, apesar de não assinalar todas as variantes, muitas ainda então não conhecidas, e de conter alguns lapsos tipográficos relativamente à versão originária, devido a correcção das provas não ter sido feita pela organizadora.

Para a fixação do texto crítico da presente edição servimo-nos do exemplar de autor da 1ª edição por ele mesmo corrigido nas condições referidas atendonos rigorosamente à materialidade do corpo tipográfico e das alterações autógrafas dos poemas, bem como às indicações da errata do livro após um cotejo com o original deste, que serviu de base à sua composição e impressão na Editorial Império, e com as provas de página (ou primeiras paginas saídas da máquina impressora?) revistas pelo poeta, documentos recentemente descobertos que permitem sem dúvida um conhecimento mais completo das últimas transformações sofridas pelo texto da *Mensagem*.

Essas transformações *in fine* são sobretudo significativas. Assim, no dactiloscrito entregue por Fernando Pessoa na tipografia e de que o índice manuscrito, deve ter sido por ele acrescentado no momento de proceder à paginação do livro,⁴ vê-se que figurava ainda o título anteriormente previsto,

² Cf. ed. cit., p. 105, onde se especifica que «foram corrigidos e datados alguns poemas conforme um exemplar da primeira edição revista pelo autor».

³ Cf. ed. cit., nota de p. 99: «Serviu de original a esta terceira edição da *Mensagem* um exemplar da segunda, em que foram corrigidos e datados alguns poemas, conforme um exemplar da primeira revisto pelo Autor, tendo-se respeitado a ortografia por ele adoptada».

⁴ Esse dactiloscrito manuscrito ficou em poder do proprietário da Editorial Império, Armando de Figueiredo, cujo espólio foi mais tarde vendido pelo livreiro António Fumaça ao Dr. Miguel Quina, em 1965, tendo sido adquirido em 1990 pela Biblioteca Nacional de Lisboa. Ele esteve pela primeira vez patente na exposição biblio-iconográfica organizada pela Missão Permanente de Portugal junto da Unesco, no Centenário de Fernando Pessoa, de 13 a 17 de Junho de 1988.

Portugal, depois emendado a lápis para *Mensagem*, em duas páginas de rosto. O que, se vem confirmar o já conhecido depoimento do autor a esse respeito, comprova que a mudança se operou, efectivamente, no decurso da composição final do livro. Outras alterações não menos importantes são de assinalar, desde o título da 4ª sub-divisão da primeira parte do livro –«O Elmo», substituído a tinta por «A Coroa»– até variantes maiores ou menores de certos poemas, que serão adiante registadas. Mas, para além disso, as hesitações do poeta quanto as versões de alguns desses poemas –*cf.* «D. Tareja» e «Afonso de Albuquerque», cada um deles com duas versões, correspondentes a mesma paginação manuscrita, tendo a opção sido feita portanto *in extremis*– mostram como Pessoa se debatia numa indeterminação quanto ao texto a publicar.

As provas de página, cujo jogo foi entregue pelo poeta ao seu primo segundo, Dr. José Jayme Neves, que as guardou até hoje e nos permitiu, por especial deferencia, a sua consulta e reprodução, contêm quanto a elas algumas correcções a lápis. Dessas correcções só uma foi, porém, tida em conta na impressão do livro.⁵ Daí que persista a dúvida quanto a terem as demais sido feitas já sobre páginas impressas, embora estando nessa altura a capa, pelo menos, ainda por compor e imprimir, pois do jogo consta apenas uma «maqueta» com o título definitivo de *Mensagem*.⁶ De notar que não foram nomeadamente corrigidos os erros que depois constariam, por isso mesmo, da errata final, bem como dois lapsos de índice que, curiosamente, o poeta também negligenciou no seu exemplar de autor emendado *a posteriori*.

Os acontecimentos ligados a publicação e difusão do livro precipitaram-se e consumaram-se, entretanto, sem que Pessoa pudesse voltar a intervir no processo. Ele mesmo dá disso testemunho, parecendo incomodado com o facto, ao escrever em carta a Adolfo Casais Monteiro de 24 de Dezembro de 1934: «Ao contrário de que costuma acontecer, o livro foi para a venda muito antes de eu ter exemplares meus».⁷ Logo que deles dispôs, como se sabe, ei-lo que prosseguiu ainda o seu meticuloso *labor limae* de autor perfeccionista, que nunca considerava a sua obra acabada, mas sempre *in progress*.

Resta-nos, assim, o texto retocado pelo poeta no seu exemplar de trabalho, em que se deu ao cuidado de datar alguns dos poemas. Não havendo rasto conhecido de outras modificações supervenientes desse texto, até à sua morte,

⁵ *Cf.* pág. 27 da 1ª edição: «Gral» em vez de «Graal».

⁶ Por isso fala o Dr. José Jayme Neves de «maqueta definitiva», segundo Isabel Murteira França no seu livro *Fernando Pessoa na Intimidade*, Lisboa/Rio de Janeiro, D. Quixo Livraria Paisagem, 1987, p. 294.

⁷ Adolfo Casais Monteiro, *A Poesia de Fernando Pessoa*, Org. de José Blanco, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 223.

pode-se considerá-lo como correspondendo à vontade última e autêntica do autor.⁸ Ele constitui, nessa medida, para utilizar os termos de Giuseppe Tavani, «o texto-base e ao mesmo tempo o texto na sua composição definitiva», isto é, «o que representa a fase mais recente da evolução criadora».⁹

Mas este texto, versão *ne varietur* da obra, é o resultado de uma longa e complexa elaboração, cuja génese importa reconstituir através dos documentos pré-textuais e para-textuais disponíveis. Isso nos permitirá refazer o processo poético que desemboca num livro com uma configuração impressa precisa –do título ao colofão–, obedecendo a uma intencionalidade simbólica, no seu todo como nas suas partes, até ao mínimo pormenor. Intencionalidade de que participam, intertextualmente, os poemas esotéricos que editamos conjuntamente com a *Mensagem*.

Os elementos ante-textuais disponíveis são neste caso de múltipla ordem, desde os projectos, planos ou esboços de livros e de partes deles, inseridos na trama dos que o poeta sucessivamente delineou para o conjunto da sua obra, até aos manuscritos, dactiloscritos e tiposcritos dos poemas que vieram ou não a figurar no texto final, passando por documentos atinentes à sua elaboração, hipóteses ou circunstâncias de publicação, constantes da correspondência ou outros depoimentos. Desses elementos uns encontram-se publicados, outros fazem parte do Espólio depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa ou de colecções particulares.

Aqueles a que tivemos acesso permitem-nos atingir dois objectivos: o estabelecimento das variantes do texto-base que figuram na presente edição e o carregamento de contributos para a compreensão da génese da obra, bem como para a sua leitura e interpretação. Tendo em conta que, por um lado, como muito bem o venceu Louis Hay, «o problema da variante nos textos modernos, na realidade, é o problema da génese do texto», e que, por outro lado, «os estudos genéticos não são senão um dos aspectos da interpretação», como também releveu o mesmo especialista da edição crítica de textos contemporâneos.¹⁰

Sendo a génese da *Mensagem* a história de uma longa marcha até ao livro em que culminaria, há que remontar aos seus elementos germinais e seguir a sua progressiva maturação, diacronicamente manifestada, para apreender enfim a sua estruturação e significação, numa perspectiva sincrónica. Do ante-texto ao

⁸ O catálogo da exposição *Fernando Pessoa: o Último Ano*, organizada pela Biblioteca Nacional de Lisboa em Novembro de 1985, que cobriu exactamente o período que vai de 1 de Dezembro de 1934 (data em que foi posta à venda a *Mensagem*) até a morte do poeta em 30 de Novembro de 1935, não assinala qualquer documento ou testemunho superveniente.

⁹ *Méthodologie et Pratique de l'Édition Critique des Textes Littéraires Contemporains* (Collection Archives), Cahier n° 8, Nanterre, Janeiro 1985, p. 106

¹⁰ C.J. *Méthodologie et Pratique de l'Édition Critique des Textes Littéraires Contemporains* (Collection Archives), Cahier n° 8, Nanterre, Janeiro 1985, pp. 115 e 82, respectivamente sendo a última citação transcrita por Giuseppe Tavani de L. Hay, *Édition et Manuscrits II, in Édition und Interposition - Édition et Interprétation de Manuscrits Littéraires*, Bern Frankfurt am Main / Las Vegas, 1981, p. 23.

texto, todos os testemunhos disponíveis, sejam quais forem as respectivas procedências, haverão de ser mobilizados nesse horizonte tendencial.

A ordenação cronológica de tais testemunhos é sem dúvida importante para os situar uns relativamente aos outros, na respectiva série, nem sempre sendo entretanto possível, a não ser em termos de probabilidade, a sua datação exacta, quando esta não é explícita. Mas tão ou mais importante do que isso é prestar atenção a sua natureza textual: do original manuscrito de um poema autógrafa a sua reprodução dactilografada ou impressa, bem como de um texto-objecto a um comentário metatextual, sem falar das caracterizações arquitextuais de uns e de outros, há diferenças significativas em termos de fixação ou de análise do texto.

Assim, a indiciar a hipótese de que o embrião da *Mensagem* foi pelo poeta concebido em 1913, dispomos quer de um poema incluído no livro e datado de 21 de Julho desse mesmo ano no exemplar de autor («D. Fernando, Infante de Portugal», segunda «Quina» da Primeira Parte, «Brasão»), quer de um apontamento do autor com um projecto de publicação de obras suas, transcrito sem indicação de fonte por Gaspar Simões.¹¹ Aí figura o título primitivo desse poema («Gladio»), mas como título possível de um livro composto de várias partes, uma das quais «Portugal» (título inicial de *Mensagem*). Tal apontamento, infere aquele crítico, «embora não datado, deve pertencer à mesma época».¹² A confirmá-lo há, com efeito, uma carta de 7 de Janeiro de 1913 de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, a qual reage com aprovação eufórica à ideia de um título como esse para um livro do amigo, que lho anunciara como inserido num «plano de publicação» dos seus poemas.¹³

Induzir, porém, a partir daí, como o faz João Gaspar Simões, que «em 1913 já Fernando Pessoa pensava escrever – não publicar, pois ainda não estava escrito – um livro da índole daquele que depois veio a chamar-se *Mensagem*», parece excessivo.¹⁴ Na verdade, de título hipotético de um livro, «Gladio» passou a título de um só poema, que conheceu vários avatares: estava previsto e chegou a estar composto para *Orpheu* 3, tendo depois sido publicado no número 3 de *Athena*. Dele há várias versões dactiloscritas, das quais uma, datada de 31 de Agosto de 1915, é uma variante total.¹⁵

Sem dúvida que há um fio que liga «Gladio» a *Mensagem*, onde veio finalmente a ser inserido, com um título diverso. Ele cruza-se, entretanto, genética e estruturalmente, com outros poemas, que importa rastrear na malha cerrada da textualidade pessoana, e nomeadamente, neste caso, com os poemas esotéricos.

¹¹ *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, 4ª edição, Lisboa, 1980, p. 649.

¹² *Idem, ibidem*.

¹³ *Cartas a Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática, 1958, vol. 1, p. 46.

¹⁴ *Vida e Obra de Fernando Pessoa, op. cit.*, pp. 649-650.

¹⁵ *Cf.* «dossier» da obra.

Este exemplo nuclear mostra como a exploração do ante-texto se torna imprescindível para uma leitura e interpretação produtivas de *Mensagem*, desde que rigorosamente feita. O que supõe uma atenção muito cuidada à colheita, análise, cotejo e concatenação de todos os materiais pré-textuais, contextualizando-os relativamente às diversas fases de concepção, gestação e começo de composição parcial dos nódulos poemáticos que iriam, passo a passo, justapor-se ou aglutinar-se –quando não ser objecto de rejeição– até se harmonizarem na arquitectura do livro, que o próprio Fernando Pessoa definiu como «um livro de poemas, formando realmente um só poema».¹⁶

Tendo em vista essa unidade poemática final de *Mensagem*, importa começar por identificar e seriar os elementos que se integrariam nesse conjunto ordenado, mas que passaram, nalguns casos, por vários sub-conjuntos intermédios em que provisoriamente se inseriram. Na mobilidade constante dos projectos de Pessoa, resultantes, como ele dizia, da sua «rapidez ideativa», há um vaivém entre os planos de publicação dos seus livros e os poemas que eventualmente os constituiriam: de tal modo que se um poema contém em potência um livro, também este pode impulsionar a escrita ou reescrita de um poema ou poemas, quando não a sua simples deslocação de um projecto para outro.

A poética pessoana aparenta-se, assim, a uma galáxia em expansão, de que, como de uma nebulosa, vão emergindo, num jogo infinito, vários sistemas poéticos possíveis, que chegam ou não a autonomizar-se.¹⁷ A *Mensagem* é um deles, atingindo uma estruturação e um acabamento que, no entanto, como sabemos, não satisfaz totalmente o poeta, apesar da sua publicação.

Duas questões entretanto se põem: uma é a de saber se a referência a um mesmo título, em vários apontamentos, corresponde necessariamente a idêntico poema ou livro, dadas as metamorfoses destes; a outra é a de determinar se os movimentos migratórios, num sentido ou noutro, implicam ou não uma inflexão, senão transformação, dos projectos em curso. Não deixaremos de atender a esses dois problemas, ao descrevermos a génese da produção da obra, manifestada nos projectos, planos e esboços do livro ou de partes dele.

De «Gladio» a *Mensagem*, passando por *Legendas*¹⁸ e *Portugal*, o percurso de composição e agregação dos poemas atravessa fases de estruturação diversas, mantendo-se alguns desses sub-conjuntos consistentes e estáveis, à parte uma

¹⁶ Nota manuscrita de 1935. Cf. *Obras em Prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976, p. 70.

¹⁷ Cf. o nosso estudo sobre o «sistema poetodramático», in *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974, pp. 77 e segs.

¹⁸ Jorge Nemésio, baseando-se na anterioridade dos dois primeiros planos deste livro em relação aos de *Portugal*, considera que «foi a partir de *Legendas* que Fernando Pessoa elaborou pouco a pouco *Portugal* até publicar *Mensagem*». *A Obra Poética de Fernando Pessoa*, Bahia, Portuguesa Editora, 1958, p. 30. Cf. também a existência de uma folha manuscrita com o plano de um *Livro de Legendas*, *Catálogo da Coleção de Manuscritos reunida pelo Poeta Alberto de Serpa*, Porto, 1988, p. 152.

ou outra alteração interna. Assim, a segunda parte do livro –«Mar Portuguez»– foi publicada, já com esse título, em 1922, no n° 4 da revista *Contemporânea*, sendo reproduzida depois, em 1933, pelos cuidados de Augusto Ferreira Gomes, no n° 2 do jornal *Revolução*, contendo um poema («Ironia») em vez de «Os Colombos», além de algumas variantes; e três poemas da primeira parte– do sub-conjunto «Timbre»– foram reunidos na revista *O Mundo Porguguês* (n°s 7/8 de Julho/Agosto de 1934), sob o título de «Tríptico», incluindo «O Infante D. Henrique», «D. João o Segundo» e «Afonso de Albuquerque», este último numa versão que foi depois preterida na versão final da *Mensagem*, onde cada um passa a ser, respectivamente, a cabeça e as asas do «Gripho», dentro da figuração heráldica adoptada pelo poeta.

Andaime a andaime, peça a peça, como se pode verificar pela datação dos poemas, sobretudo a partir de 1928,¹⁹ o edifício foi pouco a pouco, com esses elementos intermédios, erguendo as suas colunas como um «Templo» cuja arquitectura –e arquitetura– tende simbolicamente para uma concatenação perfeita, em obediência a estruturas numerológicas cujo significado esotérico não é mais do que «treva visível», como a do «Nevoeiro» que cerra (ou entrea-bre?) o poema-livro.

Num documento para-textual, a que Jorge Nemésio atribuiu a data provável de 1920, Pessoa delineou a «ideia» de um «poema épico representado as navegações e descobertas dos Portugueses como provenientes da guerra entre os velhos e os novos deuses», referindo-se à *Ilíada* e à *Vida de Hyperion* de Keats.²⁰ Para além destas fontes histórico literárias, cujas incidências arquitextuais e intertextuais analisaremos, releve-se que o poeta termina esse apontamento com uma nota de trabalho: «Coordenar fortemente os temas e as ideias. Não omitir a *base metafísica*, nem a especulação dessa ordem, no detalhe». Eis o que, de facto, ele de modo estrito cumpriu, poieticamente, tanto na construção formal do poema como na busca de uma transcendência da obra, através da sua imanência. Do ante-texto ao texto é todo um caminho espiritual que Pessoa, pela via alquímica que escolheu, percorre passo a passo, como os graus de uma iniciação, cujos rituais simbólicos ele também exige do intérprete, num outro apontamento, que Maria Aliete Galhoz antepôs justamente à sua edição da *Mensagem*.²¹

Por isso nesta edição crítica a ela se agregam os poemas esotéricos de que é afim, quer nas suas fundações quer na sua traça, ao elevar-se, *ad infinitum*, como uma catedral textual.

¹⁹ Cf. Jacinto Prado Coelho, *Cronologia e variantes da «Mensagem»*, in *A Letra e o Leitor*, 2ª edição, Lisboa, Moraes Editores, 1977, p. 227.

²⁰ *A obra Poética de Fernando Pessoa*, Bahia, Livraria Progresso Editora, 1958.

²¹ *Obra Poética*, Rio de Janeiro, José Aguilar, 1960, p. 50.

O texto-base dos poemas esotéricos

Constituem a 2ª parte deste volume as composições mais afins ao teor da *Mensagem*, no seu aspecto específico de amor a pátria, e, a seguir, as de marcado carácter esotérico que, por isso mesmo, se ligam também a um dos níveis da significação e da construtividade da *Mensagem*. Foram, portanto, seleccionadas por sua integração em dois campos significativos e interligados –poemas esotéricos e/ou poemas de fixação à pátria/mátria– e não por qualquer outro critério, como primeiro fundamento justificativo. Compulsámos, assim, toda a latitude do acervo publicado da poesia ortónima de Fernando Pessoa, o que, *em termos comparativos*, abrange o material de quatro volumes da Ática (*Poesias*, 1942, *Poesias Inéditas* (1930-1935), 1955, *Poesias Inéditas* (1919-1930), 1956, *Novas Poesias Inéditas*, 1973, e alguma contribuição de inéditos revelados na edição Aguilar de 1965. Retiveram-se 41 composições, algumas delas compósitas (como o núcleo, por exemplo de «Passos da Cruz», que é formado de 14 sonetos).

A listagem foi feita sobre a parte já édita da poesia ortónima de Fernando Pessoa, com excepção de um único inédito («No fim do mundo de tudo») exemplar na sua formulação esotérica e exemplo, entre outros possíveis, do que vai por revelar na massa dos papéis pessoais contendo poesia não publicada ainda. Contudo a consulta desse acervo aconselha uma prudência realista, pois o tratamento heurístico desses documentos apresenta dificuldades operatórias, mesmo de despistagem básica, que não permitiria segurança a uma edição crítica imediata e, muito menos, com vocação exaustiva.²² Nem era esse o objectivo da Colecção Arquivos, ao decidir editar antologicamente Fernando Pessoa e entendendo que era já exequível uma larga apresentação crítica da sua obra mas não, a termo médio, a sua *opera omnia*. Ressalve-se no entanto que, na tarefa que nos foi cometida de tratar a poesia ortónima de Fernando Pessoa em vista à edição Arquivos, voltámos a estudar o material guardado nos envelopes que no Espólio estão sinalizados como contendo poesia, na procura de protopoemas dos textos já publicados ou na tentativa de localizarmos todos os originais das poesias reunidas no volume *Novas Poesias Inéditas*, Ática, 1973.

Dados os vários estádios heurísticos da nossa própria pesquisa para os textos de poesia de Fernando Pessoa, conforme se nos foi facultando possível, em diferentes recomeços, e que fomos praticando em cotejo e correcção de leitura, em exemplares de trabalho dos volumes básicos publicados pela Ática ou na

²² Cf. António Braz de Oliveira, «O Espólio Pessoa na Biblioteca Nacional (Lisboa)», in *Littérature Latino-Américaine et des Caraïbes du XX^e Siècle – Théorie et Pratique de l'Édition Critique*, a cura de Amos Segala. Roma, Bulzoni Editore, Collection «Archives», 1988 pp. 227-232. *Vide*, também, Ivo Castro, *Editar Pessoa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, e Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer. Roteiro para uma Expedição*, Lisboa, Editorial Estampa, 1990, I, pp. 11-30.

Aguilar, complementados por notas e indículas em sucessivos cadernos de campanhas heurísticas, não podemos considerar texto-base para a presente edição senão a conjugação correctiva e indicativa de todos estes anos de esforço. Clarificamos, contudo, que o estabelecimento do texto que apresentamos, e a sua ética, processou-se de acordo com os textos publicados pelo Autor, consultando os jornais e revistas onde saíram ou as suas reedições facsimiladas. No caso de haver emendas posteriores, sobre essas publicações, do punho do Autor, a que tivéssemos acesso, optou-se, dando, em variantes, o que foi substituído. No caso de haver no Espólio originais dessas composições publicadas pelo Autor, cotejou-se e indicou-se.

Note-se, todavia, como muito importante, o fenómeno, não desmentido até agora pelas surpresas de novas campanhas avaliativas de teor no Espólio, que Fernando Pessoa poucos originais possuía das suas poesias *entregues* para publicação: ou se perderiam na tipografia, ou eram arquivadas pela publicação onde saíam ou, caso não raro, os dava. Veja-se que tal aconteceu e está, felizmente, localizado e historiado, com o original inteiro da *Mensagem*.²³ Os poucos exemplos que estão no Espólio, e que referem à sua colaboração na *presença*, indicam que Fernando Pessoa mandava o original dactilografado escrevendo no fundo, também à máquina, o nome do Autor a cuja paternidade atribuía o poema (Fernando Pessoa na poesia ortónima), e guardava para si cópia de carbono.

Referindo-nos ainda às poesias publicadas pelo Autor, algumas há que ele próprio publicou mais do que uma vez; nesse caso adoptamos o texto da última publicação por ele feita e indicamos, em variantes, as diferenças, se as há.

De acordo com os originais, sempre que os haja presentes no Espólio, para o caso das poesias publicadas postumamente. Apresentando um original campanha de variantes não optadas pelo Autor, adoptámos a que verosimilmente foi a última introduzida e indicamos nas variantes as outras.

Não havendo original, ou sendo-nos inacessível o seu paradeiro, optámos pelo texto dado pela sua primeira edição, caso que acontece por vezes com o volume *Poesia*, da Ática, 1942.

Note-se também, como importante, que tanto nos inéditos que esperam publicação, como nos poemas publicados postumamente, tratando-se de dactiloscritos, o que está presente são, salvo algumas pouquíssimas excepções, originais de máquina. O que quer dizer que, por regra, Fernando Pessoa não introduzia papel para cópias; desgarrando-se um documento dos sacos e envelopes da sua arrumação na arca, e não voltando, Pessoa não tinha substituto que suprisse a sua falta.

²³ Ver neste mesmo volume a Nota Filológica referente a *Mensagem*. Ver, também de José Augusto Seabra, o trabalho indicado na nota 16 da Introdução.

A seriação das poesias é cronológica depois de distribuída pelos dois campos de significação já referidos no princípio do ponto 2 desta Nota. No fim o poema que, nesta série, não tem data do Autor nem data presumível atribuída. As datas atribuídas vão postas entre [] e em nota é indicado o responsável da sua atribuição.

Para todos os poemas é dada uma ficha sinalética da fonte e o mesmo é feito para os protopoemas («ante-texto») que detectámos, ou por já estarem sinalizados no Espólio, ou que sinalizámos nós ao longo das nossas pesquisas nos envelopes com a indícua de conterem poesia. Nestas buscas, da localização errática, provenientes de vários envelopes e não sinalizados os documentos como já éditos, das *Novas Poesias Inéditas*, Ática, 1973, só um ficou por encontrar o original, a poesia com o título *Nova Ilusão*, datada de 9.11.1909; tal informação consta em nota.

Assim, resumindo, cada texto fixado é acompanhado das variantes próprias, se as tem, e da variação e/ou variantes do «ante-texto» ou «ante textos», se os encontrámos, e da ficha sinalética dos documentos referidos.

Mantivemos, tal como foi optado para *Mensagem*, a ortografia originária do Autor em todos os textos de que existe documento original a que tivéssemos acesso.

Para todos os textos incluídos foi feito cotejo com as edições correntes que até à queda da obra de Fernando Pessoa no domínio público fizeram consulta no Espólio para a preparação das suas edições; a saber foram todas as primeiras edições dos volumes da Ática, as edições José Aguilar de 1960 e de 1965, a edição Nova Aguilar de 1981 e, a última a sair antes do domínio público da obra de Fernando Pessoa, a Antologia da Editorial Presença de 1985.

Resta-nos aduzir algumas palavras referindo os problemas que põe a leitura dos originais poéticos (os que nos ocupam aqui) de Fernando Pessoa. Dactiloscritos, manuscritos, e mistos, na sua esmagadora maioria exigem uma transcrição cuidadosíssima, quer na decifração pura, quer na atenção à topologia de escrita no papel, pela diversidade, pelo sistema de emendas, variantes, derrame do texto ou das variantes para as margens da página, da meia página ou, muitas vezes, do pedacinho de papel qualquer compactamente escrito: os suportes materiais desses originais são variadíssimos, desde o papel de máquina ao papel de embrulho cortado ou, até, aos envelopes, já escritos, de cartas que recebia. Parte desses papéis não têm condições de duração e apresentam-se em estado de precariedade progressiva. Também são vários os instrumentos de escrita: máquina de escrever, canetas, lápis preto e, até, roxo. Emendas e variantes, ou composições inteiras, escritas a lápis, estão a apagar-se e são de penosa e às vezes já impossível legibilidade. A tudo isto se junta uma ortografia, que requer atenção, procurando manter fidelidade à etimologia das palavras, e uma

caligrafia que vai do perfil claro das letras a um cursivo rápido e estilizado quase estenograficamente nos finais.²⁴

Terminamos insistindo que se trata, nesta edição, de uma contribuição de objectivo crítico para a produção da obra de Fernando Pessoa mas não de uma *opera omnia* que será levada a cabo pelo projecto em andamento da «Edição da Obra Completa».²⁵ Iguualmente não podemos avançar uma edição crítico-genética exaustiva, pela impossibilidade, no estágio heurístico, em progresso, do conhecimento do Espólio, de esgotar, ponto a ponto, todas as virtualidades de encontro de outros «ante-textos». cremos, contudo, na utilidade do equilíbrio textual e aparato crítico atento que apresentamos

²⁴ Ver no dossier deste volume, por exemplo, a reprodução de «ante-textos» do ciclo poemático «Além-Deus» e do soneto «Gomes Leal». Ver, também, João Rui de Sousa, «Fernando Pessoa, um poeta para todo o papel», in *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, vol. 3, n.º 3, Set-Dez 1988, pp. 123-134. Ver, ainda, Giulia Lanciani, «Proposte per un'edizione critico-genetica de *Pauis*, no mesmo número da *Revista da Biblioteca Nacional*, pp. 135-139.

²⁵ Ver, mais adiante, na História do texto, a «Fortuna editorial pessoana», p. 223, nota 11.

SIGLAS DAS FONTES

Fontes de *Mensagem****Fontes manuscritas e dactiloscritas***

- a = Espólio, envelope 57-40, verso, manuscrito.
- b = Espólio, envelope 121-1, dactilografado.
- c = Espólio, envelope 121-2, dactilografado.
- d = Espólio, envelope 121-3, manuscrito datado de 13.9.1918.
- e = Espólio, envelope 121-3, verso, manuscrito.
- f = Espólio, envelope 121-4, manuscrito datado de 10.1.1922.
- g = Espólio, envelope 121-5, manuscrito datado de 31.12.1921/1.1.1922
- h = Espólio, envelope 121-5, verso, manuscrito.
- i = Original dactilografado e manuscrito do livro.

Fontes impressas

- A = Orpheu 3 [191?], provas de página, reprodução fac-similada, Porto, Edições Nova Renascença, 1984.
- A₁ = Poemas inéditos destinados ao n° 3 de *Orpheu*, Lisboa, Inquérito, 1953.
- B = Contemporânea, vol. 2, n° 4, 1922.
- C = *Athena*, n° 3, 1924.
- D = *Revolução*, vol. 2, n° 383, de 16 de Junho de 1933
- E = *O Mundo Português*, n°s 7 e 8, de Julho e Agosto de 1934.
- F = Provas de página de *Mensagem*.
- G = 1ª edição de *Mensagem*, exemplares postos em circulação, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934
- H = Exemplar da 1ª edição de *Mensagem*, emendado pelo punho de Fernando Pessoa.
- I = 2ª edição de *Mensagem*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1941.

J = 3ª edição de *Mensagem*, Lisboa, Editorial Ática, 1945.

L = 7ª edição de *Mensagem*, Lisboa, Editorial Ática, 1959.

Fontes de *Poemas esotéricos*

Fontes manuscritas e dactiloscritas

- a = Esp., env. 58-62 verso
- b = Esp., env. 119-23
- c = Esp., env. 118-45
- d = Esp., env. 66D-18
- e = Esp., env. 16A-2 verso, 2, 3
- f = Esp., env. 16A-4 e 5
- g = Esp., env. 62A-2 e verso

Abreviaturas

- r.a. = riscado pelo Autor
- rec. = recusado pelo Autor
- [?] leitura duvidada
- [...] palavra ilegível
- [] hiato no original

Para facilitar a leitura, distinguimos dois casos, respeitando as normas da Coleção Archivos:

- As variantes são colocadas ao lado direito do verso correspondente, ou, quando não há espaço suficiente, em rodapé, com chamada em letra minúscula.
- As chamadas de nota em número correspondem a notas explicativas de carácter genético.